

Introdução

A presente pesquisa situa-se no campo das representações sócio-espaciais¹ que se realizam no espaço urbano e possui como objetivo geral compreender a produção social do espaço do Alto Jardim Botânico a partir das estratégias NIMBY (Not in my back yard) praticadas por seus moradores nos últimos 35 anos.

Entenderemos por “Alto Jardim Botânico”, uma parcela do bairro do Jardim Botânico, zona sul do Rio de Janeiro, que tem sua base territorial demarcada por limites simbólicos estabelecidos por uma Associação, que cuida dos interesses supostamente comunitários dos residentes locais (Mapas 1 e 2). Assim, o que será concebido aqui como “Alto Jardim Botânico” não é uma unidade político administrativa estabelecida oficialmente pela prefeitura.

Fundamentado em um revisão bibliográfica sobre o tema, destacadamente sobre o bairro do Jardim Botânico, sugerimos neste estudo, uma analogia entre as estratégias de gestão dos domínios territoriais de atuação da Associação de Moradores e Amigos do Alto Jardim Botânico (ALTO-JB), com as práticas do movimento reivindicatório NIMBY, que ganhou destaque em Los Angeles nos anos 1980 por seu caráter de “provincianismo intransponível” (DAVIS, 2009, p. 223) na luta pelos seus pressupostos. Assim, nosso objeto de análise são as representações sócio-espaciais presentes nos discursos NIMBY dos residentes do Alto Jardim Botânico.

A investigação de tal objeto, fundamentou-se metodologicamente, além de pesquisa em Jornais e revisão bibliográfica sobre o tema, na realização de

¹ Usaremos a expressão sócio-espacial com hífen com base nas formulações de Souza (2013) que afirma que, “para se compreender e elucidar o espaço, não basta compreender e elucidar o espaço. É preciso interessar-se, profundamente, e não epidermicamente, também pelas relações sociais. É necessário interessar-se pela *sociedade concreta*, em que relações sociais e espaço são inseparáveis, mesmo que não se confundam. E é aqui que entra em cena o *sócio-espacial*, no qual o “sócio”, longe de apenas qualificar o “espacial”, é, para além de uma redução do adjetivo “social”, um indicativo de se está falando, direta e plenamente, também das relações sociais. Uma análise sócio-espacial de uma partida de futebol considerará, portanto, não apenas a estrutura socioespacial, mas examinará, como processos vivos, e sem “timidez epistemológica”, as interações que se desenrolam durante a partida, nos marcos de uma espacialidade determinada e referenciadas (e relativamente condicionadas) por ela.

entrevistas semi-estruturadas com quatorze moradores do bairro do Jardim Botânico que respondiam livremente à três questões norteadoras:

- 1- Fale sobre suas impressões (sentimentos, recordações, etc.) em relação a sua experiência com o bairro do Jardim Botânico?
- 2- Qual o significado de natureza para você?
- 3- O que justifica na sua opinião a existência da ALTO-JB?

As entrevistas com moradores residentes no Alto Jardim Botânico configuraram-se como a maior dificuldade de realização desta pesquisa. Apenas um, dos quatorze entrevistados moravam nos domínios da ALTO-JB. Alguns alegavam falta de tempo ou simplesmente não respondiam aos pedidos. Vale destacar que pelo menos cinco entrevistados tentaram “abrir” esse caminho por meio de seus contatos pessoais e não foram bem sucedidos. No nosso entendimento, essa dificuldade de acesso aos moradores já configura um dos componentes importantes na confirmação ou não da nossa hipótese.

Desta forma, a nossa principal fonte de pesquisa, a respeito dos pressupostos da ALTO-JB, foram as informações presentes no seu sítio da internet como histórico, estatuto e comunicados.

Também consideramos importante a realização de visitas livres ao local – e ao bairro do Jardim Botânico de maneira geral – circulando pelos logradouros a pé ou de carro para constatação empírica de certos fenômenos debatidos ao longo da dissertação no campo das ideias, como a questão das formas de apropriação e uso do espaço público, das estratégias de proteção frente às ameaças e riscos socialmente construídos por parte dos moradores e a mudança no perfil socioeconômico do bairro.



Figura 1: Praça Dag no Alto Jardim Botânico: conservação irretocável e brinquedos novos.
Fonte: Acervo pessoal (2014).



Figura 2: Placa no muro da casa identifica que o morador é associado à ALTO-JB.
Fonte: Acervo pessoal (2014).



Figura 3: Carro de empresa privada de segurança sem adesivo da ALTO-JB: atendimento exclusivo ao morador que a contratou.

Fonte: Acervo pessoal (2014).

A escolha do nosso tema de pesquisa fundamentou-se em determinadas motivações ou justificativas. Primeiramente, a relevância do tema que propomos desenvolver baseia-se, entre outros aspectos, na necessidade de maior aprofundamento do estudo dos discursos (e as palavras contidas nos discursos) sobre a cidade. Para tal nos baseamos em Claval (2014). O autor assinala que,

o geógrafo deve considerar as atitudes, as preferências e as normas daqueles que habitam os espaços que ele estuda, porque desempenharam e desempenham um papel essencial na moldagem das paisagens, e na organização em regiões, tanto na maneira de fazê-las como na maneira de falar delas (p. 253)

Acreditamos que a produção intelectual no âmbito da Geografia sobre o referido tema necessite atualmente da continuidade das reflexões e contribuições que possam complementar e ampliar os estudos pioneiros sobre a referida temática dos discursos sobre o espaço. Ainda no campo teórico, objetivamos, igualmente, contribuir para o aprofundamento e a ampliação das discussões sobre o espaço público no âmbito da geografia acadêmica brasileira a partir de reflexões elaboradas em outras áreas das ciências humanas, tomando como norte a necessidade de refletirmos a respeito de um novo espaço público.

Na dimensão das políticas públicas, acreditamos que as reflexões acadêmicas a respeito de um bairro que possui três associações de moradores, dois parques públicos importantes e um sentimento significativo de insatisfação com o trânsito e de preocupação com a possível obra de expansão do metrô – conforme identificado nas entrevistas – podem fornecer subsídios que contribuam para iniciativas governamentais relativas ao planejamento e gestão do cidade.

Por fim, ainda como justificativa, entendemos que o fato de um pequeno bairro da zona sul do Rio de Janeiro possuir três associações de moradores, já seria argumento suficiente para uma investigação.

*O bairro é dividido: tem a AMAJB, essa aí [referindo-se à ALTO-JB] e a das pessoas de menor renda lá do Horto². Isso dificulta. São interesses diferentes.
Sr. M. Ex- presidente da AMAJB e morador do Jardim Botânico desde 1966.*

A pesquisa é balizada pela hipótese de que as estratégias NIMBY praticadas pela ALTO-JB contribuem para reproduzir um sentimento mixofóbico que reflete-se em práticas espaciais de contenção voluntária, configurando o caráter segregador do lugar.

Dividimos o estudo em três capítulos. As reflexões presentes no capítulo 1, possuem um caráter de fundamentação teórica para os capítulos seguintes. Consideramos relevante, inicialmente, discutir de forma introdutória, a relação entre natureza e espaço urbano, partindo de uma perspectiva de entendimento segundo a qual a cidade pode ser tomada como uma demarcação física e também simbólica do espaço, cujos usos os qualificam e lhes atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitados. Entretanto, sejam física ou simbolicamente demarcados, elas são construídas socialmente de acordo com pressupostos, valores e princípios de sua época de formação (LEITE, 2004).

Assim, no meio urbano, “a natureza é uma ideia que só aparece vestida (...). Ela aparece sob forma de ‘coisas’ paisagísticas, por meio da linguagem e da constituição de formas específicas, elas próprias historicamente constituídas”

² Nesta pesquisa não incluiremos reflexões referentes à Associação dos Moradores no Horto por acreditar que a complexidade dos processos que envolvem a área, tornam-a de grande singularidade, assim exigindo um estudo próprio.

(CAUQUELIN, 2007, p. 29). No bairro do Jardim Botânico, a natureza “veste-se” de praça e de rua arborizada, de paisagem patrimonializada, de jardins, mas fundamentalmente, veste-se de parque público. Encontram-se ali o Jardim Botânico e o Parque Lage. Este último compreende parte do Parque Nacional da Tijuca com presença de cachoeiras, floresta e montanha. Essas áreas verdes configuram espaços de importante valor simbólico para o morador do bairro.

Aqui você é cercado pela natureza. Lagoa na frente, mata no fundo, Jardim Botânico à direita e Parque Lage à esquerda.

Sr. J. morador do Jardim Botânico desde 1976.

No início do capítulo 1, realizamos reflexões teóricas referentes aos jardins pelo fato do termo estar nominalmente ligado ao objeto desta pesquisa. Em seguida discutimos, numa perspectiva geo-histórica, a relação entre a cidade, a montanha e a floresta por entender a importante presença destes dois elementos da natureza no bairro. Além dos autores já citados, nos fundamentamos principalmente em Abreu (1992), Cissoto (2009), Henrique (2009), Tuan (2012) e Pereira (2014).

Em seguida, baseado principalmente em Abreu (1997), Koatz (2006) e Gaspar e Barata (2008), apresentamos um histórico da ocupação do bairro do Jardim Botânico desde as primeiras áreas de plantio de cana de açúcar, passando pela época das grandes indústrias e vilas operárias, até o recente processo de transformação do perfil de seus moradores, bem como do comércio e dos serviços, agora mais *glamourizados*.

No capítulo 2, buscamos compreender o papel do medo como componente estruturador do espaço urbano, refletindo principalmente sobre as formulações de Souza (1998), Batista (2003), Tuan (2005), Bauman (2006) e (2009), Chalhoub (2011) e Sposito (2013). Apontaremos neste capítulo, em primeiro lugar, reflexões a respeito das diferentes formas de expressão do medo no cotidiano do cidadão das grandes metrópoles. Em seguida, discutiremos a construção social das chamadas “classes perigosas”, na perspectiva de Chalhoub (2011). Será enfatizada a escala do município do Rio de Janeiro nesta etapa da pesquisa. Além disso, identificaremos os desdobramentos espaciais das políticas higienistas do

final do século XIX e início do século XX. E por fim, dialogando com as formulações de Sposito (2013) a respeito do conceito de segregação presente na dinâmica das metrópoles atuais, apresentamos um breve histórico do processo de construção social do Alto Jardim Botânico relacionando-o com a ideia de mixofobia presente em Bauman (2009) e a noção de *oroescapismo* que iremos propor.

Por fim, no capítulo 3, discutiremos a ideia de espaço público presente no Alto Jardim Botânico considerando diferentes perspectiva teórico-conceituais desta categoria. Entendendo que este debate mereça ainda outras formulações, refletimos sobre as tradicionais visões de espaço público e a necessidade de “um novo espaço público” (INNERARITY, 2006) (CALDEIRA, 2000) frente a imprecisão do tema na atualidade. Além disso, destacamos as ideias de sua apropriação universal e particularizada, presente em Kant de Lima (1999), como alternativa conceitual que nos sirva de subsídio para melhor compreender o espaço urbano contemporâneo. Levamos em conta nesta etapa da pesquisa, as reflexões, principalmente, de Arendt (2014), Davis (2009), Gomes (2002), Foucault (1977) e (2008) e Haesbaert (2014), além das já citadas anteriormente. Abordaremos também as noções de *contenção territorial* (HAESBAERT, 2014) e de *campos voluntários* que servirão de base para diferenciar, em grande parte e em caráter conclusivo, o Alto Jardim Botânico do restante do bairro, além de explicar, fundamentado no que Foucault (2008) denomina de biopolítica, a possível expressão segregadora de tais noções.